

Biblioteca Central da UFPB: centro de memória e práticas culturais

Ma. Gilvanedja Ferreira Mendes da Silva

gilvanedja@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/7746550607559561>

Especialista Marcílio Herculano da Costa

mharquivista@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/9802098678229437>

Everton Fernandes de Lima

evertonfernandeslima789@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/7784009184166650>

Especialista Rosane Coutinho Pereira Lacet

roscopeila.medieval@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/1605430208739260>

Submetido: 03 abr. 2020

Publicado: 15 maio 2020

Resumo

Pensar em biblioteca pública nos dias atuais é pensar em um universo de múltiplos espaços, que vai além da guarda, disponibilização e acesso à informação. Pois não é possível dissociar a biblioteca pública, em especial a universitária como um espaço de memória e também como um equipamento cultural. Nesse sentido, as bibliotecas públicas universitárias devem se apresentar como sendo um espaço da comunidade acadêmica, e também da comunidade em seu entorno, interagindo com os acontecimentos locais, onde as pessoas devem se sentir convidadas a entrar e participar; estimuladas a expressarem o que percebem e sentem, participando ativamente como criadoras que se apropriam do espaço. A Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba, objeto deste estudo, é um organismo em constante crescimento, suas ações são parte de uma memória que caracterizam a instituição, registrada em documentos que remontam sua trajetória como também permeiam a memória individual e coletiva de milhares de usuários que passaram por ela no decorrer das últimas décadas. O presente trabalho objetiva apresentar, discutir e refletir teoricamente sobre o curso histórico das práticas culturais da Biblioteca Central (BC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) enquanto biblioteca pública universitária vista sob a perspectiva de equipamento cultural para além da premissa basilar de apoio ao Ensino, a Pesquisa e a Extensão universitárias. A proposta deste estudo é reconstruir fragmentos da história das ações culturais promovidas pela Biblioteca Central da UFPB, em um recorte temporal de 1981 a 2019, evocando assim, as ações culturais que foram desenvolvidas, através de relatos de servidores, narrativas orais que emergem de suas memórias. A metodologia adotada para a construção desta pesquisa se dará em duas fases, caracterizadas, na devida ordem, exploratória, descritiva e qualitativa. É também, caracterizada como bibliográfica e pesquisa de campo, em consonância com as fontes de dados da pesquisa. Quanto ao método, recorreremos à pesquisa documental, relatos orais, metodologias relevantes para reunirem-se os conhecimentos produzidos. Para efetivar os objetivos propostos pela pesquisa, a mesma será iniciada através de um apanhado bibliográfico, pautado na busca de subsídios teóricos para assimilar e interpretar conceitos de memória,

A memória seja esta individual, social ou coletiva busca evocar e invocar lembranças e traços do passado, vestígios que podem ser revividos por pessoas que presenciaram momentos e fatos, contudo, os registros do passado também podem ser guardados em suportes que possibilitam o acesso a esses registros.

Halbwachs em seu livro "A memória coletiva" (2006) afirma que memória coletiva pode ser caracterizada como um fato vivido por mais de um indivíduo, onde cada um possui lembranças únicas e exclusivas de um determinado evento, contudo, todos podem compartilhar de suas lembranças que formam a memória e isto cria uma recordação coletiva de um ato, isto é, "nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós" (HALBWACHS, 2006, p. 30).

As experiências vividas por pessoas são formas de evocar memórias. Os relatos orais transportam pessoas para lugares muitas vezes inacessíveis no presente, são experiências evocadas e compartilhadas com o objetivo de preservação da memória, seja ela pessoal ou institucional.

Thiesen (2013, p. 228) afirma que:

É através da memória que as instituições reproduzem no seio da sociedade, retendo apenas as informações que interessam a seu funcionamento. Há um processo seletivo que se desenvolve segundo regras instituídas e que variam de instituição para instituição. Tendo em vista que as instituições funcionam como rede em campo social, o limite de uma instituição é outra instituição. E as informações relevantes para a recuperação da memória institucional devem ser por isso buscadas não apenas nos materiais e fontes internas, mas fora dos muros institucionais. A memória institucional está em permanente elaboração, pois é função do tempo.

A biblioteca entendida como centro de memória é o lugar que carrega consigo a memória coletiva e institucional capaz de provocar diversas experiências sensoriais que são capazes de transportar os usuários para os mais diversos lugares, tempos, costumes por meio de um conjunto de ações que são registradas nos suportes informacionais e que ao transcorrer do tempo possibilita que o homem lembre voluntariamente ou através de gatilhos situações que lhes representa certa importância, por isso a importância de conservar e preservar.

Nora (1993) diz que é necessário criar e conservar arquivos assim como comemorar aniversários, preservar monumentos, santuários e demais lugares onde se ancora e se exprime a memória coletiva, memória essa que é evocada através de acervos, pessoas e coletivos.

A biblioteca além de uma grande produtora e disseminadora de memórias coletivas também é o centro de práticas culturais, isso porque suas características lhe possibilitam que ela adentre em um campo ainda mais específico da memória que é a memória institucional, aqui entendida como algo indissociável a vivência e avanços das instituições.

A criação da Biblioteca de Alexandria pode ser considerada um exemplo de biblioteca concebida para ser um centro cultural. Segundo Battles (2003), exemplo de grande influência exercida na cultura antiga, foi fundada durante o reinado de Ptolomeu Sóter, no século III a.C., para ser o espaço capaz de concentrar em si toda a sabedoria acumulada pelo mundo grego e reunir, em um mesmo lugar, todos os livros da terra, ação que produziu efeitos intelectuais, influenciou os modos da escrita, da

Campos (1995) afirma que as bibliotecas entendidas como centros culturais, são núcleos de uma expressão cultural viva, criados para propiciar e desenvolver uma dinâmica cultural, com o objetivo de favorecer uma ação cultural na qual importa a criação, e não apenas o consumo, de cultura.

Para Milanesi (1997), o que caracteriza esses espaços é a reunião de produtos culturais, sejam de que natureza forem, a possibilidade de discuti-los e a prática de criar novos produtos. São, portanto, espaços para conhecer, discutir e criar. "Quem entra num centro cultural deve viver experiências significativas e rever a si próprio e suas relações com os demais" (MILANESI, 1997, p. 28).

Quando se pensa nas bibliotecas que vêm atuando como centros culturais espalhadas pelo mundo, é possível observar uma tendência para o acúmulo de funções; o uso da tecnologia de forma a propiciar a criação de ambientes interativos e a espetacularização da cultura e da arte, visto que a cultura necessita de um espaço para si, pois é aquela que nasce da inquietação, do conhecimento, da reflexão compartilhada. Como coloca Milanesi, "os centros culturais são espaços para cultivar a capacidade de romper e criar" (MILANESI, 1997, p. 145).

Nesse sentido, as bibliotecas públicas universitárias enquanto centros de memória e práticas culturais, atentas às mudanças sociais, necessidades coletivas e formulações culturais características do mundo contemporâneo, precisam criar condições para o surgimento de uma cultura viva. Ou seja, como diz Coelho (1997), precisam propiciar uma cultura que se faz pela experiência, construída pelos próprios sujeitos, em interação com outros sujeitos, com a obra de arte, com a informação; inseridos em um processo crítico, criativo, provocativo, grupal e dinâmico que implica em consciência, entrega, disciplina e comprometimento.

2.1 BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS E SUAS PRÁTICAS CULTURAIS

As bibliotecas universitárias vistas como espaços de cultura, segundo Cenni (1991), devem proporcionar algo que vá além dos modelos escolares, das propostas eruditas e das práticas desinteressadas do lazer. Pois, "a função do centro cultural é procurar reativar as diferenças, diversificar o pensamento e mostrar que há outras formas de se olhar para o mundo além dos discursos oficializados pela escola, pela instituição e pela mídia" (CENNI, 1991, p. 199).

Nesse sentido, as bibliotecas públicas universitárias devem se apresentar como sendo um espaço da comunidade acadêmica, mas também da comunidade em seu entorno, interagindo com os acontecimentos locais, onde as pessoas devem se sentir convidadas a entrar e participar; estimuladas a expressarem o que percebem e sentem, participando ativamente como criadoras que se apropriam do espaço.

Para Milanesi (1997), a biblioteca enquanto centro de práticas culturais deve estar conectada à cidade, deve estar atenta e responder às demandas e anseios dos cidadãos, deve propiciar o encontro entre as pessoas e a cidade, deve possibilitar o entendimento dos acontecimentos contemporâneos e deve prestar serviços à população (fornecer informações e dados, esclarecer dúvidas, facilitar o acesso), afinal, além do apoio ao ensino e a pesquisa, é premissa basilar a sua atuação na extensão.

Corroborando com o entendimento de Ramos (2006), as bibliotecas universitárias entendidas como centros culturais, devem atuar como espaços de encontro, experimentação e reflexão para além da função de equipamentos disseminadores de informação. Isso acontece quando divulga suas atividades entre os usuários; quando promove seminários e debates; quando possibilita o acesso à

internet e disponibiliza para seu público equipamentos multimídia; quando promove lançamento de livros, sessões de cinema, etc. Enfim, ao mesmo tempo em que realiza a ação cultural, a biblioteca universitária realiza a ação informacional.

Silva (1995, p. 46) caracteriza o centro cultural como um organismo de informação, pois seria um local onde as pessoas encontram as informações úteis no dia a dia. Para ela, o centro cultural:

Visa reunir bens culturais e colocá-los à disposição do público. [...] Entretanto, ele quer mais, quer ser um espaço de criação de novos bens. Isto garante a sua funcionalidade. Ao reunir os bens culturais pode se promover também a sua reinterpretação. O conhecimento adquire um caráter dinâmico. [...] Tudo passa a ser informação.

Para Teixeira Coelho (1986) e também Milanesi (1997), as bibliotecas públicas e aqui está incluída a pública universitária, enquanto centros de práticas culturais devem realizar ações que integrem três campos comuns ao trabalho cultural: criação, circulação e preservação.

Para o primeiro campo, devem-se incorporar ações que visam estimular a produção de bens culturais. Devem-se promover oficinas, cursos e laboratórios; deve-se investir na formação artística e na educação estética de modo a possibilitar o contato sensível com o mundo, a ampliação das percepções e o aprendizado das diferentes formas de expressão artística.

Outra responsabilidade que os centros culturais têm é com a distribuição dos bens culturais e a circulação de informação. Uma vez produzido o bem cultural, este deve ser tornado público através de ações que possibilitem a participação da sociedade. A circulação do bem cultural e da informação, de acordo com Milanesi (1997), cria novas demandas culturais e informacionais, e esta é uma condição básica do trabalho cultural. Milanesi (1997) entende que os três verbos fundamentais a serem conjugados em uma biblioteca enquanto centro de cultura são: informar, discutir e criar.

Informar seria o primeiro verbo conjugado num centro de cultura. A informação deve estar organizada e acessível. O centro deve disponibilizar a mais variada coleção de registros do conhecimento humano, apresentados em livros, jornais, revistas, fotos, discos, filmes e tantos outros tipos de suporte quanto a tecnologia permitir. As informações devem ser organizadas com os recursos da informática, que ficam mais baratos a cada dia e que permitem o acesso via computador e internet (RAMOS, 2006, p. 103).

Ainda segundo a mesma autora, outro verbo importante a ser conjugado em uma biblioteca enquanto centro cultural é: discutir. A biblioteca universitária, mais do que nunca, deve abandonar a postura passiva das antigas bibliotecas que organizavam as informações para atender a uma demanda e passar a oferecer a oportunidade de reflexão e crítica. Devem ser organizados seminários e ciclos de debates para que a ação de discutir potencialize a informação e, desta forma, se torne peça fundamental da ação cultural.

Por fim, o terceiro verbo, criar, é aquele que dá sentido aos demais. É, segundo Ramos (2006) o objetivo primeiro de um centro cultural, que deve ser gerador de estímulos, de novos discursos, de novas propostas. Assim, junto ao acervo e às

atividades de discussão, deverão estar disponíveis salas para oficinas, laboratórios, experiências criativas, onde os frequentadores possam investigar, propor, expressar-se.

A invenção, segundo Milanesi (1997), só é possível mediante um trabalho de organização de estímulos e eliminação de obstáculos à liberdade de expressão. As bibliotecas universitárias devem buscar ser centros culturais, "indo contra os preceitos que pedem aos homens que não inventem, que não usem, que não saiam da rotina, devem centrar na invenção de discursos o seu objetivo. Ou há criatividade ou não existe ação cultural" (MILANESI, 1997, p. 181). Assim se dá, nestes espaços, o ciclo da ação cultural:

O público tem acesso às informações, as elabora e discute para, finalmente, criar seu próprio discurso, expressá-lo por meio de diversas linguagens expressivas e, sempre que possível, registrá-lo para possibilitar a uma ação cultural contínua e permanente (RAMOS, 2006, p. 104).

Para Milanesi (1997), no que diz respeito à informação, a preocupação básica de uma biblioteca pública, seja ela municipal, escolar, universitária, deve ser com a gerência da informação para uma determinada coletividade e não com a gerência de um acervo. O acervo é posto a serviço da coletividade, mas a ação que objetiva informar vai muito além dos limites de uma coleção. O autor afirma que a base de toda atividade cultural é a disponibilidade de informações.

Cenni (1991) propõe que os centros culturais funcionem como um espaço de "congestões" culturais, ajudando as pessoas a digerirem os milhares de produtos culturais e informações transmitidas pelos meios de comunicação de massa. A principal função destes espaços, nesta perspectiva, seria a de auxiliar as pessoas a processarem os símbolos presentes em sua cultura, capacitando-se para dialogar com estes símbolos e, inclusive, tornarem-se produtores de novos símbolos, novas significações e novas atitudes.

As bibliotecas universitárias ao atuarem como centros culturais "poderiam funcionar como um espaço de leitura crítica, apropriação, conciliação e intervenção na contemporaneidade, propondo uma relação de diálogo com a cidade, a comunidade, as pessoas, o seu entorno" (CENNI, 1991, p. 206).

Segundo Ramos (2006), originando-se nas bibliotecas tradicionais, os centros de cultura têm a função primordial de garantir o direito à informação, de permitir a liberdade de chegar ao conhecimento, discuti-lo e produzir novo conhecimento. A informação é a matéria-prima da cultura dos homens contemporâneos. É forma e fundo, é linha e tecido, é também o divisor de águas.

Assim, cabe às bibliotecas públicas, aqui estão incluídas as universitárias, enquanto espaços de invenção e criatividade, fornecer aos seus usuários a matéria-prima para transformar a realidade em que vivem e, desta forma, possibilitar que cada um, junto com todos, possa apropriar-se de sua cultura.

A matéria-prima, no mundo contemporâneo, é a informação produzida, transmitida, preservada. Essas instituições, nos moldes dos centros de cultura, caracterizam-se, então, como legítimos centros de informação.

2.2 A BIBLIOTECA CENTRAL DA UFPB: evocando memórias

A Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba, objeto deste estudo, é um organismo em constante crescimento, suas ações são parte de uma memória que caracterizam a instituição, registrada em documentos que remontam sua trajetória como também permeiam a memória individual e coletiva de milhares de usuários que passaram por ela no decorrer das últimas décadas.

Apresentar seus aspectos históricos, o processo de sua criação, torna-se necessário. Cotidianamente, investindo em atividades que visam levar a seus usuários as mais diversas práticas, em seus 52 anos de funcionamento tem promovido diversos eventos e ações culturais como apresentações de grupos artísticos e culturais, exposições, lançamentos de livros, palestras, entre outros, que foram sediados nos espaços do atual prédio, inaugurado em 1976.

A proposta de regulamentação da BC foi elaborada, em 1961, pelo bibliotecário e professor universitário Edson Nery da Fonseca, autor do projeto "Teoria da Biblioteca Central". No entanto, a implantação do órgão só foi devidamente efetivada no dia 11 de agosto de 1967, tendo como sede provisória uma sala do Instituto de Matemática recém-transferido do centro de João Pessoa para a Cidade Universitária, localizada nas imediações do Conjunto Residencial Castelo Branco, no mesmo prédio onde atualmente funciona a Central de Aulas. O acervo inicial contava com aproximadamente 15 mil livros adquiridos por meio de doações (BIBLIOTECA CENTRAL, 2018).

Com a criação da Universidade Federal da Paraíba – UFPB no ano de 1955 por meio da Lei Estadual 1.366, de 2 de dezembro de 1955, havia a necessidade da criação de uma biblioteca que pudesse dar suporte informacional aos programas de ensino, pesquisa e extensão da Universidade Federal da Paraíba.

Cinco anos depois da criação da UFPB, foi regulamentada através do regimento desta instituição a criação da Biblioteca Central. No ano de 1967, o professor Afonso Pereira da Silva foi designado para coordenar a Biblioteca. A sua estruturação veio através do projeto e proposta intitulada "Teoria da Biblioteca Central" do professor universitário e bibliotecário Edson Nery da Fonseca.

Em 1969 acontece a incorporação da Biblioteca Central ao Estatuto da UFPB de 1969, como órgão suplementar, sediado no campus I da UFPB nas imediações do Conjunto Residencial Castelo Branco, com a missão de dar suporte às atividades de ensino, pesquisa e extensão, por meio do Decreto nº 65.464, de 21 de outubro de 1969, Art. 5º, alínea "a".

Nas palavras do seu mentor e primeiro diretor, Afonso Pereira, o longo percurso até a instalação atual da BC a história pode ser "comparada à saga de Moisés do Egito para a Terra Prometida". Passando por diversos lugares provisórios dentro da instituição, a exemplo de uma das salas onde funciona a Central de Aulas, alocada também na Biblioteca Escola de Engenharia, entre outras unidades, até ser instalada em 1981 por definitivo no prédio atual (COSTA FILHO, 2019).

As diversas etapas da trajetória da Biblioteca Central representam o amadurecimento da Instituição, não apenas do ponto de vista estrutural mas também da compreensão da função da biblioteca universitária, que guarda em seu acervo importantes produções intelectuais e científicas que exercem a função de sustentar o tripé do ensino, pesquisa e extensão e, atrelada a essa função, estão as ações culturais

experiências, práticas, esquecimentos e o mais importante: as conquistas e aprendizagens que adquiriram ao longo do tempo. Essas memórias foram exteriorizadas em narrativas, formaram cenários de marcas de identidades construídas pelas ações culturais desenvolvidas na Biblioteca Central.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As bibliotecas públicas, especialmente as universitárias, enquanto espaços de informação têm acompanhado a evolução do aumento significativo do número e da variedade de documentos produzidos no século XX, abrindo espaços para novas possibilidades de conhecer, estabelecendo novas formas de organização, permitindo ao público o acesso livre à informação.

Fica evidente que não é possível pensar a biblioteca hoje sem que se considere a liberdade de acesso à informação como um direito humano para o exercício do pensamento criador. É preciso entender que há um círculo perpétuo, ou seja, a informação produzida é organizada e colocada à disposição de um determinado público que acessa os dados, combinando-os, faz análise e crítica, gerando um novo produto informativo que, por sua vez, deve ser integrado em um serviço que permita o acesso do público. Nesse sentido, o esforço deverá ser incrementado na biblioteca, transformando-a efetivamente em um centro onde não apenas se tem o acesso à produção cultural da humanidade, mas onde também se produz cultura.

A partir do momento que a biblioteca assume a função de casa da cultura, que disponibiliza uma infraestrutura que permite a realização de uma série de atividades no campo das expressões artísticas e culturais, torna-se claro que ela deixa de ser apenas lugar de memória, preservação e acesso, passa a ser também o lugar do fazer. Quando a biblioteca passa a ser espaço também do fazer criativo, há uma transformação radical, uma vez que a biblioteca sempre se caracterizou como sendo uma instituição que organiza a informação, colocando-a a disposição do público.

Portanto, trata-se de um esforço de crescimento coletivo, pois é a ação que leva a repensar a informação. Milanesi já afirmava que a biblioteca só atinge plenamente a sua função quando, além de propiciar a leitura, garante a seu público o ato de dizer e escrever.

UFPB CENTRAL LIBRARY: memory and cultural practice center

Abstract

Thinking in public library nowadays is to think of a universe of multiple spaces, information access, that goes beyond the storage. For it is not possible to dissociate the public library, especially the university library as a space of memory and also as a cultural equipment. In this sense, university public libraries should not only be presented as a space for the academic community, but serve as well to the community around them, interacting with local events, where people should feel invited to come and participate; stimulated to express what they perceive and feel, actively participating as creators who appropriate the space. The Central Library of the Federal University of Paraíba, object of this study, is a constantly growing organism, its actions are part of a memory that characterizes the institution, recorded in documents that go back its trajectory as well as permeate the individual and collective memory of thousands of people who have been through it over the past few decades.

CELLARD, A. A análise documental. *In*: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

CENNI, R. **Três centros culturais da cidade de São Paulo**. 1991. 334 f. Dissertação (Mestrado, Escola de Comunicações e Artes) – Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 1991.

CHAGAS, M. Memória política e política de memória. *In*: ABREU, R.; CHAGAS, M. (Orgs). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

COELHO NETO, J. T. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

COSTA FILHO. **Biblioteca Central**: histórico. João Pessoa: UFPB, 2019. Disponível em: http://www.biblioteca.ufpb.br/biblioteca/contents/menu/biblioteca-1/copy_of_institucional. Acesso em: 25 jul. 2019.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JACOB, C. Prefácio. *In*: BARATIN, Marc.; JACOB, C. **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no ocidente. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

JOSÉ FILHO, M. **A família como espaço privilegiado para a construção da cidadania**. Franca: Unesp, 2002.

MARTINS, W. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. São Paulo: Ática, 2002.

MILANESI, L. **A casa da invenção**. São Caetano do Sul: Ateliê, 1997.

MORESI, E. (Org.). **Metodologia da pesquisa**. Brasília: Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Universidade Católica de Brasília, 2003. (Apostila - Gestão do Conhecimento e Tecnologia da Informação).

NASCIMENTO, F. M. **Ação e informação em centros culturais**: um estudo sobre o instituto Tomie Ohtake. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – PUC Campinas, Campinas, 2004.

NORA, P. Entre a memória e História: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, jul./dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 05 jul. 2019.

NUÑES, E. M. Espaços de leitura: projetos, conteúdos e animação cultural. *In*: RÖSING, T. M. K.; BECKER, Paulo. (Orgs). **Leitura e animação cultural**: repensando a escola e a biblioteca. Passo Fundo: UPF, 2002.

